

Marina Rodrigues Miranda | Fernanda Monteiro Barreto Camargo | Fábio Guss Strelhow

Organizadores

Guardiões e Guardiãs da Terra e do Céu

Cartas originárias de crianças indígenas para o mundo



encontrografia

Marina Rodrigues Miranda | Fernanda Monteiro Barreto Camargo | Fábio Guss Strelhow

Organizadores

Guardiões e Guardiãs da Terra e do Céu

Cartas originárias de crianças indígenas para o mundo

encontrografia

TUPIABÁ

PROJETOS ORIGINÁRIOS

Copyright © 2020 Encontrografia Editora
Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total
desta obra sem a expressa autorização dos autores ou organizadores.

Editor científico

Décio Nascimento Guimarães

Editora adjunta

Gisele Pessin

Coordenadoria técnica

Gisele Pessin

Fernanda Castro Manhães

Design

Fernando Dias

Foto de capa:

Gestão administrativa

Ana Laura dos Santos Silva

Bibliotecária

Juliana Farias Motta – CRB 7/5880

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G914

Guardiões e guardiãs da terra e do céu: cartas originárias de
crianças indígenas para o mundo / Organizadores Marina
Rodrigues Miranda, Fernanda Monteiro Barreto Camargo, Fábio
Guss Strelhow. - Campos dos Goytacazes (RJ): Encontrografia, 2020.

56 p. Ilustrado.

ISBN: 978-65-88977-12-5

Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Experiências do Sensível
(NUPEEES) em parceria com o Grupo de Pesquisa Imagens,
Tecnologias e Infâncias (GEPITI).

1. Crianças – correspondências – Espírito Santo (ES). 2. Crianças –
correspondências – Bahia (BA). 3. Indígenas da América do Sul
- Saúde e higiene – Brasil. I. Camargo, Fernanda Monteiro Barreto.
II. Strelhow, Fábio Guss. III. Título: cartas originárias de crianças
indígenas para o mundo

CDD 306

encontrografia

Encontrografia Editora Ltda.
Av. Alberto Torres, 371 - Sala 306 -
Centro - Campos dos Goytacazes - RJ
28035-581 - Tel: (22) 2030-7746
www.encontrografia.com
editora@encontrografia.com

Ficha técnica

Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB

Reitora: Joana Angélica Guimarães da Luz.

Vice-reitor: Francisco José Gomes Mesquita.

Pró-reitora de Extensão e Cultura: Lilian Reichert Coelho.

Coordenação de Pesquisa e Planejamento: Marina Rodrigues Miranda (Ufsb).

Coordenador(a) adjunto(a) externo: Fernanda Monteiro Barreto Camargo (Ufes).

Projeto: Tupiabá: Projetos Originários

Comissão Científica do Projeto: Celeste Cicarone (Prolind/Ufes), Dirceu Benincá (Pgaec/Ufsb), Fábio Guss Strelhow (Nupeees/Ufsb), Gerda Margit Schutz Foerste (Gepiti), Gilson Vieira Monteiro (Ecoem/Ufsb), Juber Helena Baldotto Delboni (Pmsmj), Karen Santana de Almeida Vieira (Nupeees/UNB), Maria Angélica Vago-Soares (Gepiti/Ufes), Márcia Regina Rodrigues Ferreira (Gepiti/Ufes), Professora Martanézia Rodrigues Paganini (Nupeees/UFSB) e Renata Lourenço dos Santos (Uneb-Seabra).

Coordenação Didático-Pedagógica do Projeto: Angela Silva Nakamura Apocalypse (Sedu-ES), Dalva dos Santos Santana, Janaina Pereira da Rosa Ferreira (PMA), Luzia Florêncio Rodrigues, Dulcemar da Penha Uliana (Gepiti/Ufes), Maria Madalena Baratella (PMST), Renata Rosa Weixter (PMC).

Projeto Gráfico e Editorial da Plataforma Virtual / Dispositivos didáticos do Tupiabá: Candela Designer e Comunicação.

Comunicação Visual: Vitor Junquillo (Candela) / Vinicius Navarro Morende (TV-Uneb).

Ilustração da capa e dos dispositivos didáticos de aprendizagem: Helena Mongim.

Realização:



Instituições Parceiras:



Aos professores(as) da Licenciatura Intercultural Indígena pela parceria na composição da poética Tupiabá.

Às professoras indígenas das aldeias pela sensibilidade na produção das experiências de escritas de cartas-terra com as crianças em seus territórios.

Aos professores(as) integrantes do Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Experiência do Sensível (Nupees) e Grupo de Pesquisa, Imagens, Tecnologias e Infâncias (Gepiti) pelo engajamento acadêmico nesta proposta de pesquisa e extensão com populações indígenas.

Às crianças da Aldeia Indígena Pé do Monte, Pau Brasil e Comboios, fontes inspiradoras desta pesquisa, toda a nossa gratidão por compartilharem sementes de sabedorias das aldeias em suas escritas de conhecimentos nas cartas-mundo.

Nossa solidariedade e gratidão aos guardiões e guardiãs das aldeias que se “encantaram” para o mundo espiritual, vítimas do tempo pandêmico, crendo que eles seguem suas existências em outras dimensões.



*“Ñande mitãrano, opa rupi
ñande jaiko”*

*Quando somos crianças, vi-
vemos por toda parte.*

Provérbio do povo Kaiowá

Sumário

Prefácio	11
Repartindo Sementes: experiências de trocas de carta-mundo e carta-Terra.....	13
Memórias Tupiabá.....	19
Cartas Mundo Tupiabá	27
Cartas-Terra Tupiabá	37
Posfácio	57

Prefácio

É com imensa satisfação e alegria que temos a oportunidade de apresentar este projeto intitulado: *Guardiões e Guardiãs da Terra e do Céu: cartas originárias de crianças indígenas para o mundo*, propondo interlocuções a partir de trocas de cartas destas crianças e adolescentes das aldeias Pau Brasil, Comboios e Guarani Nova Esperança, no Estado do Espírito Santo (ES) e a Aldeia Pé do Monte, situada no Monte Pascoal, no Estado da Bahia, para o mundo.

Esta proposta surge no âmbito do projeto TUPIABÁ, idealizado por professores do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Experiências do Sensível (NUPEEES) em parceria com o Grupo de Pesquisa, Imagens, Tecnologias e Infâncias (GEPITI), inspirado e promovido pelas professoras Dra. Marina Rodrigues Miranda, da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB e Dra. Fernanda Monteiro Barreto Camargo, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Esta ação educativa de reconhecimento das contribuições culturais dos povos originários foi iniciada no dia 19 de abril de 2020, inaugurando o site institucional intitulado TUPIABÁ: projetos originários, que inspira a proposta da obra literária Tupiabá, com ênfase nas experiências de escritas originárias de crianças indígenas para o mundo. Este projeto foi ancorado significativamente no intuito de promover e desenvolver atitudes implicadas à consciência e no cuidado da terra e da vida em todas as suas formas existentes possíveis.

A prioridade foi reconhecer as crianças indígenas como provedoras de culturas de infâncias originárias nas cosmologias indígenas dos seus territórios, evidenciando o que elas tem a dizer e o que sentem para o mundo e

com o mundo, a partir de suas sabedorias inscritas na terra e no céu como seus guardiões(ãs).

Podemos ler e sentir, nas cartas de alguns deles, uma poética vigorosa, contagiante pela sua espiritualidade, luminosidade e fervor recheados de humanidades. Como verdadeiras orações: *Sofia, Maria Regina, Henrique Tarle, Martanézia, Awêry, Maine, Esmeralda, Ana Cláudia, Ariadna, Beatriz, Deysiana, Miqueias, Francielly, Miguel Filipe, Gleikelly, Cleidymilla, Luiz Otavio, Ludmila, Vitoria, Lavinia, Kethelly, Eiky Vinicius, Jacian.*

Estas cartas-poemas, acompanhadas de desenhos e expressões coloridas belíssimas, nos oferecem um rico cenário de orações esperançosas de uma emergente e insurgente humanidade vivenciada por um mundo melhor.

Vale a pena ver, ler e sentir estas riquíssimas vozes, pois aportam uma humanidade fervilhante, pulsando e apostando num mundo melhor, digno de ser cuidado e “guardado no lado esquerdo do peito, dentro do coração, assim falava a canção que na América ouviu... o que importa é ouvir a voz que vem do coração... (Canção da América, de Milton Nascimento).

Professor Dr. Miguel Angel Bordas

Universidade Federal da Bahia / UFBA

Repartindo Sementes: experiências de trocas de carta-mundo e carta-Terra

Aldeia Tupiabá, Côm-pixaba/ES, 03 de setembro de 2020.

Prezados(as) leitores(as), nossas saudações!

Tudo bem com vocês? Escrevemos esta carta para falar a vocês sobre o nosso projeto Tupiabá, realizado por um grupo de professores do Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Experiências do Sensível (NUPEE-ES) em parceria com o Grupo de Pesquisa, Imagens, Tecnologias e Infâncias (GEPITI).

Este projeto intitulado: Cartas dos(as) guardiões(ãs) da Terra e do Céu: experiências de escritas originárias das crianças indígenas para o mundo, inspira-se no compromisso com a mobilização e articulações em defesa da vida dos povos indígenas em tempos de novo coronavírus, propondo interlocuções com o mundo a partir de trocas de cartas com as crianças e adolescentes da aldeia Pau Brasil, da aldeia Comboios e aldeia Guarani Nova Esperança, situadas no estado do Espírito Santo(ES) e aldeia Pé do Monte, situada no Monte Pascoal, estado da Bahia(BA). Esta ação foi iniciada no mês de comemoração dos povos indígenas, inaugurando o site institucional intitulado TUPIABÁ: projetos originários, que inspira a obra *Tupiabá: escritas da terra de crianças indígenas para o mundo*.

Nesta proposta, o diálogo inicial com estas aldeias foi ancorado nas seguintes questões: como a população indígena, principalmente as crianças e os adolescentes, percebem-se neste contexto? Nesta jornada de combate ao novo coronavírus, o que as crianças e adolescentes indígenas tem a dizer para o mundo, a partir de suas sabedorias da terra e do céu, como seus guardiões(ãs)?

Quando constituímos esta ação, o objetivo era provocar nos partícipes a reflexão acerca do processo de devastação ambiental, gerado pela ganância capitalista que, por séculos, desequilibra os ecossistemas planetário. Mediante esta afirmação, como colaborar com as infâncias indígenas para que elas se interconectem com o mundo, inspirando uma cosmovisão planetária de modo originário? Neste *corpus* de interlocuções indagativas passamos a escrever para as aldeias por meio no site **Tupiabá: projetos originários**, mediando com as professoras indígenas o modo de produção de trabalho para que essas cartas chegassem até as aldeias.

A Escola Indígena está fechada. Neste espaço é que a Educação Indígena diferenciada acontece, quando as crianças e adolescentes, em suas relações de sociabilidade, exercem politicamente a defesa dos seus territórios e fortalecem seus ímpetos para a luta de permanência e seu bem viver na terra. Nesta força nos alicerçamos ao percurso de lutas da existência e resistência destes povos.

Neste ativismo identitário, apresentamos este projeto como uma ação colaborativa com a Educação Escolar Indígena, valorizando escritas originárias produzidas nas aldeias. Nessa espiritualidade de conhecimento, apresentamos neste livro algumas escritas de cartas das crianças para o mundo, criando uma interlocução em tempo de pandemia.

Somamos neste trabalho de composições coletivas diferentes cosmologias indígenas Tupiabá, em processos lúdicos, realizadas com a turma de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em um tempo aldeia no componente curricular Literatura Originária Indígena. Nesta referência, brincamos com a palavra Tupiabá compondo muitos universos míticos que agora estão sendo partilhados com as aldeias:

“Diz a origem que Tupiabá era um curumim que vivia às margens do rio Piraqueçu, o tal rio do peixe grande. Ele morava com povo indígena tupiniquim. Muito curioso, Tupiabá queria aprender tudo sobre seu povo e tudo sobre a sua aldeia. Naquele tempo a aldeia era uma floresta e tinha lá muitos bichos. Ele perguntava:

Que bicho é esse? Que planta é aquela? Cadê o outro pedaço da lua? Os pais de Tupiabá não respondiam tudo o que ele perguntava. Mas ensinavam o essencial: que a natureza é a mãe terra. Que a mãe terra orienta a plantar no tempo certo, a pescar e mariscar, tendo a lua a guiar. Plantar, colher, brincar, correr, nadar e pular era vida para Tupiabá.

[...] Pintava com genipapo e urucum deixando a marca do seu povo no corpo [...]”.

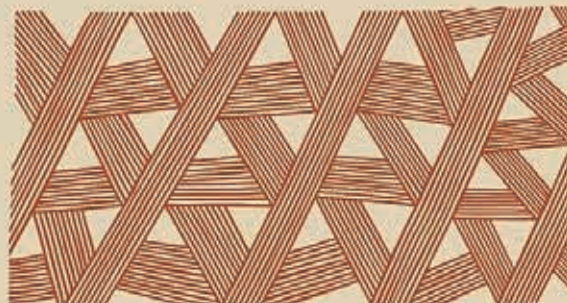
Por Cristina Tupiniquim.

Numa aldeia nasceu um menino forte, guerreiro e muito corajoso. E os pais colocaram seu nome de Tupiabá. Numa certa manhã, o pai, a mãe e o filho colocaram o samburá nas costas e saíram pela mata à beira-rio fazendo o que mais gostavam: caçar e pescar. O casal tão entretido com a pesca se distraiu e o pequeno Tupiabá saiu de perto da sua mãe e adentrou pela mata. Quando a mãe se deu conta gritou: cadê meu filho? Tupiabá cadê você?

Por Gesimeria Tupiniquim.

Somado a este universo imaginário, a reflexão das bases deste projeto encorpa a energia planetária do professor indígena Krenak (2019).

Quais são suas
"ideias para adiar
o fim do mundo"
(Ailton Krenak)?



Entre no nosso site e
escreva para as crianças
projetotupiaba.com.br

Na poética originária desse autor, lançamos essa ideia para o mundo: fomos conhecer as origens dessas sementes nas aldeias do ES e do Sul da BA. Neste tempo de encontro, fomos a terra e adentramos no tempo indígena, observando as luas até a colheita. Esta fartura espiritual e sustentável de origens, estão nos frutos gerados nas produções das crianças.

É o fim desta colheita? Não, outros frutos virão. O fim é só o começo.

Atenciosamente,

Coletivo Tupiabá!





Contam que, num tempo muito antigo, que os Kayapó moravam no céu.

[...] um dia, um experiente guerreiro indígena, descobriu no mato lá no céu a cova de um tatu. Ele ficou muito curioso e com vontade de caçar o animal. Então começou a cavar. Passou o dia inteiro cavando e mesmo de noite não parou de cavar.

Assim, se passaram muitos dias até que viu um tatu gigante. Ficou animado com isso e cavou com mais empenho até furar a abóbada celeste. O tatu despencou lá de cima arrastando consigo o velho guerreiro.

Este é um pedacinho da história "O buraco no céu de onde saíram os kayapó" do escritor indígena Daniel Munduruku.

TUPIABÁ
PROJETOS ORIGINÁRIOS



O que você acha de inventar o fim da história?
Que tal escrever uma história da sua aldeia?
Escreva e mande para o projetotupiaba.com.br.

Ilustração: Helena Tupiabá
Instagram: Helenamongim.arte

Memórias Tupiabá

Um Kurumim de nome Tupiabá

Tupiabá é um kurumim que vive as margens do rio Piraqueacú , junto ao seu povo Tupiniquim. Muito curioso, Tupiabá quer aprender tudo sobre seu povo.

Que bicho é esse?

Que planta é aquela?

Cadê o outro pedaço da lua?

Os pais de Tupiabá ensinam que a natureza é a mãe-terra , ela orienta a plantar no tempo certo , a pescar e mariscar tendo a lua a guiar.

Plantar , colher, brincar, correr , nadar, pular é sua vivência , e divertindo pra valer! E Tupiabá se encanta com toda a experiencia .

Ouvir histórias, tocar casaca e tambor faz parte da sua cultura e ele aprende tudo com muito amor

Pintar com jenipapo e urucum deixa a marca do povo em seu corpo.

Dançar é sentir leveza, é ser valente para enfrentar o mundo que fica contra a gente.

Entoar os cantos, recria em seu povo a esperança e para sobrevir é preciso lutar par não morrer.

Buscar a cura contra os maus espíritos é preciso ter fé ao procurar o pajé.

Tupiabá assim aprende com os ensinamentos dos mais velhos para liderar um povo tem que ser forte e corajoso.

Quanto coisas esse povo tem, para respirar e encantar alguém!

História escrita por Cristina de Oliveira Santos Lemos - estudante do Prolind - UFES

O menino Tupiabá

Em um lugar distante, havia uma família de indígenas do povo tupiniquim: Joana e Juraci.

Os dois moravam numa aldeia bem distante da cidade. Aldeia chamada Jaçanã.

O Juraci era um índio forte, guerreiro e muito corajoso. A Joana uma bela índia gentil, delicada e muito meiga. Estava ansiosa pois o sonho de tornar-se mãe já estava próximo.

Passaram-se alguns dias e Joana estava feliz, pois seu bebê havia nascido.

O casal estava maravilhado pelo lindo filho e puseram o nome de Tupiabá.

Numa certa manhã, o pai, a mãe e o filho saíram pela mata, a beira do rio fazendo o que mais gostavam, caçar e pescar.

O casal tão entretido pelos seus afazeres e por um minuto de distração, o pequeno Tupiabá saiu de perto da sua mãe e adentrou pela mata.

Quando Joana se deu conta, gritou: Cadê meu filho? Tupiabá, cadê você?

Desesperada e chorando, os dois saíram pela mata e nada de encontrar o menino.

Anoiteceu, retornaram para a aldeia e comunicaram para todos o acontecido. Todos os homens daquele povo, juntamente com o Juraci foram para a floresta em busca do menino Tupiabá.

Joana a cada dia mais triste, sem esperança de poder reencontrar seu filho.

Então, sentada no banco no quintal de sua casa avistou seu marido vindo em sua direção e logo atrás caminhava o grupo de home que foram em busca de Tupiabá.

Seu coração palpitou bem forte, suas pernas ficaram tremulas e gritou: Cadê meu filho?

Seu marido a abraçou e disse: - Me desculpe, não encontramos nosso filho.

Joana entristecida, chorou.

No outro dia, logo cedo Joana foi até o lugar onde o menino havia sumido. Logo em seguida Juraci foi ao seu encontro. Chegando lá Joana estava sentada a beira do rio, olhou e disse:

- Não quero morar mais lá.

Juraci sem questionar respondeu: Tudo bem!

Então juntos iremos construir uma nova vida aqui. E quem sabe um dia Tupã nos traga nosso filho de volta.

Os dois juntos cortaram paus e folhas e construíram uma nova casa e formaram uma nova família naquele lugar.

Lugar que trazia um sentimento de está sempre perto do filho perdido.

Lugar que foi dado como nome Tupiabá.

História escrita por Gesimeria dos Santos Silva - estudante do Prolind - UFES

O samburá viajante

Em uma aldeia localizada próximo as margens do Rio Piraqueacú, morava um menino chamado Torybá.

Torybá era um menino especial e muito alegre, que dava vida a tudo que via pela frente, até mesmo as coisas que não tinham vida através de sua imaginação ganhavam vida imediatamente.

Ele falava com animais, elementos da natureza e até objetos.

Em um de seus passeios matinais perto do Rio Piraqueacú, enquanto andava pelo caminho conversando com tudo e com todos Torybá encontrou um samburá gasto e bem velho de tanto uso, pensativo e triste.

Torybá aproximou-se e disse:

- Olha seu samburá por que você está tão triste?

- Ah meu amigo Toyabá como eu gostaria de estar feliz como você!

- Então me diga o que está te entristecendo quem sabe eu consiga te ajudar.

- Pois bem meu é que desde que nosso rio foi contaminado já não encontro trabalho ninguém me utiliza mais, não temos mais peixes, camarões, mariscos, nem mesmo as crianças bem banhar-se no rio. O que vou fazer agora ?

Torybá como não gostava de ver ninguém triste logo disse:

- Eu tenho uma ideia e se agora ao invés de vir para o rio, você for para a escola levar alegria para as crianças?

- Como assim, ir para escola? Perguntou o samburá curioso, porém cheio de esperança.

Torybá então disse:

- E que agora você poderia ser um Samburá Literário onde as crianças poderão levar livros, músicas, contos, receitas e muitas outras informações para ser compartilhadas com seus amigos e familiares, dessa forma você

não mais alimentaria a barrida das pessoas levando alimentos, mas sim suas imaginações, fazendo conhecer qualquer lugar do mundo.

Os olhos do Samburá nesse momento brilhavam de alegria com a ideia de uca mais ficar sozinho e arrumar trabalho para si e seus colegas.

A partir desse dia nunca mais o samburá ficou parado pois agora ele viaja para todos as casas que o aceitavam perto ou longe, para levar conhecimento e muita imaginação.

História escrita por Angélica Monteiro Pego dos Santos - estudante do Prolind - UFES

Poema: Tupiabá

*Projeto de Literatura, que veio
nos proporcionar
Conhecer outras pessoas e
também nos ensinar
Que tudo é aprendido, só de-
pende e você
Olhar de forma grandiosa,
aquilo que sempre vai fazer.*

*Agora tenho a oportunidade
De voltar um pouco ao passa-
do
Escrevendo cartas para al-
guém
Que está lá do outro lado.*

*Lugar que talvez não conheço
Mas que de alguma forma, me
desperte o desejo
Naquilo que estarei ouvindo
Daquilo que por enquanto,
não vejo.*

*Falando um pouco de mim
E ouvindo um pouco de você
É a forma que teremos
De talvez um dia nos conhecer.*

*Se eu te conhecer, verei
Se você me conhecer, verá
Que temos coisas em comum
E outras, pra um ao outro en-
sinar.*

*Pode até ser bem distante
O percurso que tem esse cami-
nho
Até que o dia de nos vermos,
não chegue
Vamos nos conhecendo entre
as linhas.*

*E assim, chegando ao fim
Falando um pouquinho de
mim
Dos vários povos indígenas
deste Brasil, aqui
Sou um deles, de Aracruz/ES,
da etnia Tupinikim.*

**(Gilmar Loyola dos Santos, povo
Tupinikim - Aracruz/ES)**

Projeto Tupiabá

*O Projeto Tupiabá, ah!!!
Quero aqui te apresentar
Ele chegou neste ano, 2020
Para nos inspirar.
Ele veio de um coração sincero
De quem sempre quis dar voz
A alguém que um dia nunca pode dizer
Seus sentimentos, sua verdadeira maneira de ser.
Escrever cartas de vida
Expressão de amor maior
Conhecer através das linhas
O que traz de luta e de dor.
A alegria de ser, de viver é preciso mostrar
Neste mundo globalizado e cruel,
Cheio de preconceito e racismo
Que tenta sempre nos exterminar.
Você pode fazer parte, se assim desejar
Falando um pouco de si e buscando conhecer
Os indígenas deste Brasil
Que lutam, resistem e insistem em sobreviver.*

Marli - Educadora Indígena Tupinikim , Aldeia Irajá- 25/11/2020



O olho d'água do Piraqueaçu

Contam os antigos que, as crianças indígenas desde pequenas tomam banho de rio.
Um dia um bando de crianças da aldeia Guaraní foram brincar de bater água no grande Rio Piraqueaçu. Bateram tanto na água que agitou demais o grande rio
A água começou a ficar barrenta E começou a se mover com muita velocidade.
Apareceu no meio do rio um enorme olho d'água que chorava muito Não eram lágrimas eram borbulhas AHHHH
De repente no meio daquele olho de rio Apareceu um rabo, um rabo de peixe muito grande
Para surpresa das crianças o rabo dançava, dançava movimentando a água
As crianças encantadas começaram a rir e bater palmas na água espirravam gotas para alto para todo lado

O rio quase esburrou
Era a mãe d'água
Ela brincava, ela tinha amor com sons das palmas
Ao som das palmas ela pulava, afundava e rodeava cada criança
E de repente ela saltou e cantou o amor
Era o canto da Mãe d'água
A mãe d'água protege toda criança indígena que toma banho de rio
A Mãe d'água é filha do amor.
As crianças indígenas batem água de rio para beber deste amor

.....
A pequena história "O olho d'água do Piraqueaçu" é da autora capixaba Marina Tupiabá com a colaboração de Romulo Tupiabá

TUPIABÁ
PROJETOS ORIGINÁRIOS

projetoTupiabá.com.br.
Ilustração: Helena Tupiabá
Instagram: Helenamongim.arte



Cartas Mundo Tupiabá

A borboleta

Ilustrado com imagens e letras por Henrique Tarlé

Quando pensei em escrever uma ideia para adiar o fim do mundo, não consegui pensar em nenhuma traquitana mirabolante. Porém eu sei que quando contamos histórias, o mundo não pode acabar enquanto não terminarmos de contar, então se continuarmos contando histórias, o mundo não pode chegar ao fim.

Você já deve ter visto muitas borboletas, de tamanhos diferentes, formas diferentes, cores diferentes, mas que independente desses detalhes era uma borboleta.

Esta é uma história sobre uma borboleta extraordinária. Se a maioria das borboletas já são admiráveis por suas características, essa em especial é ainda mais extraordinária. Dedico essa história para todas as crianças, tipo borboleta, que independente de como são, continuam sendo criança.



Deis de que lagarta parece que o destino é ser borboleta, ser bonita, criar asas, ser livre, viver a voar. Pousa, para, admira a flor, bem rapidinho sem tempo volta a voar.



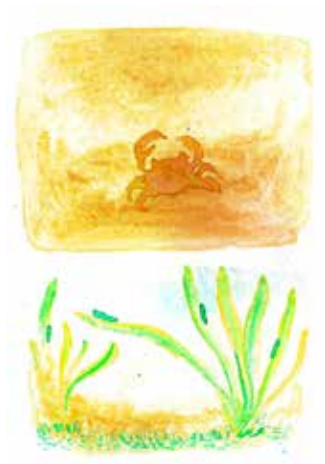
Meus dias eram coloridos, sentia a vento soprar em minhas asas, brincava entre tons de azuis, mas eles não podiam me tocar. Azul as vezes são cores tristonhas.



Um dia entre céu e mar, dois azuis que se tocam a todo o tempo até o infinito. Mergulhei no mar ao voar no seu azul, ao tocar a água minhas asas se desfizeram. Sabe quando você entra na água que parece que seu corpo some e sobra só você.



Agora estava eu lá na praia, sem asas, sentada em uma concha a pensar... O que eu serei agora sem asas. Você já conheceu alguma borboleta sem asas?



Passei a observar os outros a minha volta. Seria eu agora um caranguejo, destinado a cavar buracos para me esconder, ou seria eu uma lagartinha novamente, que jamais seria borboleta outra vez.



Enquanto eu pensava no que eu seria, passou por mim um caranguejinho com uma concha nas costas. Ele era tão bonito, e nem precisava cavar buracos, tudo que ele precisava era da sua conchinha.



Então talvez tudo que eu precise são de conchinhas. Encontrei dois pares de conchas lindas, coloquei-as em minhas costas. Pronto estava eu lá com um belo par de asas coloridas. Porém não podia voar.



As conchas apesar de lindas, eram muito pesadas para meu pequeno corpo. Antes que fosse noite, percebi que o que faz de mim borboleta não são as asas, ou voar. Ser borboleta é uma coisa que fica dentro de mim, como eu me sinto, é o que eu sou!



Se um dia você se sentir diferente das outras pessoas a sua volta, não se esqueça da borboletinha sem asas, não precisamos ser igual aos outros para sermos o que somos, as pessoas são diferentes, e não tem nenhum problema nisso. Nem toda lagartinha vira borboleta, e nem todo caranguejo que morar em uma conchinha, as vezes ele gosta de cavar e morara em buracos, e tudo bem também. Você é incrível do jeitinho que é!

Olá Kilvi
Meu nome é Sofia
morei em Vitória no Espírito
Santo. Tenho 9 anos, gosto de
olhar de slime, biscoito e ver
filmes. E você gosta de fazer o que?
Eu tenho 3 primos e minha mãe
é uma gloriada, e eu já tenho 1 irmão,
e a sua família?
onde você mora? Oi tem mais?
o meu tio vende ele tem várias
obelas teham Kilvi

assinado: Sofia



Pedra da Cebola: paisagem da cidade de Vitória/ES desenhada e enviada por Sofia.

Vila Lilla, 15 de abril de 2020.

Olá Famukua

Eu sou Maria Regina, tenho 9 anos, moro no bairro Praia das Garças num condomínio de prédios, com meu pai, Kevin, a minha mãe, Ana e o meu irmão de 2 anos, Raiter

Normalmente eu brinco com minhas amigas e com meus brinquedos, gosto mais de brincar com as minhas amigas, mas tiro que deixar de brincar com elas e deixar de sair com minha família e tive que ficar em casa.

Muitas coisas mudaram desde que o corona vírus saiu derrubando tudo. Para não pegar a doença precisamos lavar as mãos, usar máscara e ficar em casa. Podemos continuar a brincar com a família, se divertir em casa.

Agora estou curiosa: me fale de você, onde e com quem você mora? Como é sua vida? Sua vida mudou muito por causa desse vírus? Você está com medo? Como você vai escrever e mandar uma carta para mim?

Não se esqueça de receber sua carta e saber mais de você.

Um abraço!

Maria Regina

Vitória, 23 de maio de 2020, uma manhã de sábado linda e ensolarada.

Com muita felicidade e amor no coração escrevo esta carta à vocês, crianças indígenas, das muitas comunidades em nosso estado (ES).

Como vocês estão?

Pergunto, porque sei que as crianças sempre desejam nos ensinar algo, e, estando aqui fora, me aguça pensar como é estar e viver em uma comunidade indígena, estar perto da energia da floresta, dos recursos naturais, dos animais e plantas, e de todo conhecimento que vocês compartilham ao longo das gerações.

Ah...vou me apresentar. Meu é Márcia Beloti, sou professora de crianças, por isso mesmo, estar aqui com vocês é exercer meu papel docente, mesmo estando longe. Um longe que se aproxima pela escrita de cartas como propõe esse belo e rico Projeto Tupiabá.

Nesse período de distanciamento social, ando pensando muito sobre algumas ideias a partir de suas experiências. Isso mesmo! Não estive em uma aldeia, mas conheço um pouco de suas culturas, e, é sobre estas experiências que tenho buscado pensar como podemos criar estratégias para adiar o fim do mundo.

Eu imagino a carinha de vocês indagando sobre como isso seria possível. Eu vou contar um segredo para vocês! Nós, aqui da cidade, somos tolos demais. Ainda não entendemos que para termos um meio ambiente equilibrado precisamos mudar nossos hábitos, entendendo que nosso

planeta é a nossa casa, é onde todas e todos nós vivemos e compartilhamos os recursos naturais disponíveis para a humanidade.

Mas, sabe, tem gente que não entende isso, e acaba destruindo as nossas florestas e os animais e plantas que ela abriga. Fico imaginando que esse descuido prejudica nossas vidas e as suas também, por isso quero aprender com vocês.

Há muito tempo aprendi com Rubem Alves que as crianças têm olhos encantados, porque tudo para vocês é curioso e desperta interesse. Não é mesmo? Vocês prestam atenção no movimento da vida, e isso me interessa, porque me convida a refletir sobre como é bom ser criança, e, imagino que aí, onde vocês estão, deva ser muito especial.

Mas, vamos ao ponto!

Todo o conhecimento produzido por vocês são conhecimentos muito valiosos para nós, porque nos ensina a cuidar do meio ambiente, a respeitar a natureza e tudo que ela nos oferece. E isso é fantástico! É lindo! É um ato de amor para os que estão neste mundo e para os que virão. Então, quais ensinamentos deixaremos registrados aqui?

Bem...penso que o nosso planeta pede socorro e o futuro da Terra depende de nossas atitudes, com cada um fazendo a sua parte. Nosso primeiro compromisso seria mudar para preservar, cuidando de nossa água, dos mananciais e corpos hídricos, porque é um dos bens mais preciosos que temos e todas e todos nós somos responsáveis nesta missão. Comprometer-nos em plantar árvores em diferentes locais envolvendo a comunidade, os amigos e a família. Elaborar projetos de cuidados com a natureza, não desperdiçando oportunidades que beneficiem nosso planeta, colocando em prática ideias e pensamentos que muitas vezes o tempo corrido da cidade não nos permite realizar.

Minha ideia é construir uma horta aqui em casa, e tenho como meta realizar esse compromisso este ano. Quero plantar verduras e legumes. Sou apaixonada pelos pés de tomate. Quando tudo isso estiver pronto aqui, eu vou avisar a vocês. Mandem-me ideias sobre como fazer. Eu creio que sabem muito bem como seria a melhor maneira de cultivar.

Vou me despedir, aguardando com muito entusiasmo a resposta de vocês. Desejando-lhes que todas as aldeias indígenas sejam preservadas e respeitadas, e, que possamos a cada dia aprender com vocês.

Estou certa que a mãe natureza agradece pelos seus cuidados com o nosso Planeta Terra.

Forte abraço à cada um de vocês.

Com muita gratidão despeço-me.

Márcia Beloti¹

1. O desenho ao fundo é de minha filha Luísa Beloti, que com muita dedicação e carinho o fez para vocês.



Prezadas crianças Pataxó, Tupiniquim e Guarani.

Posso revelar uma coisa?

Não tive oportunidade de contar a ninguém sobre essas histórias que eu inventava, só agora me veio essa oportunidade e venho, embora envergonhada ainda, compartilhar com vocês.

Acredito que essa fase em que eu inventava coisas era de muita elaboração, pois imaginar é melhor do que nascer sabendo, ou pensar que já se sabe tudo, pois acredito que quando pensamos que sabemos tudo, não temos muito chance de imaginar. Tenho pensado nisso, deve ser chato achar que tudo surgiu para nos atender e que se pode derrubar e deixar um vazio no lugar.

Será que o pé de sapucaia, de macaxeira, de Jacarandá, de Babaçu, de Abaracatinga, de Jambu, de gabioba, de mandacaru, de palmeira, de caju, de Peroba, de graviola, de ipê, de abatiputá, de acajá, de Jurubeba, de Guamixameira, de Juazeiro, de Guaraná, de Pau-Brasil e outras plantas mais nasceram só para nos atender?

Se assim for, e o gavião onde vai pousar? A onça pintada, onde vai morar? O tatu, coitado onde vai se enfiar? É aí, então, que me pego a pensar e venho aqui indagar: Será que faltou espaço para imaginar?

Faltou imaginação para entender o mundo? Porém é fácil constatar que talvez tenha sobrado ideias para com o mundo acabar.

Por isso, venho deixar essa mensagem de contribuição, nunca deixe de usar a sua imaginação, é importante viver, mas com amor, sabedoria e proteção.

Vila Velha, ES abril de 2020
Martanézia R. PaganiniT



Cartas-Terra Tupiabá

Teixeira de Freitas, 26 de maio de 2020.

Aos parentes, com carinho.

É uma satisfação enorme escrever esta carta para vocês. Meu nome é Maine, sou pataxó e cresci em Cumuruxatiba que é um Território Indígena. Por ter crescido em contato direto com a natureza, resolvi fazer faculdade de Biologia. Então, mudei para um lugar estranho, chamado Teixeira de Freitas.

Tive muita dificuldade de me adaptar nesse lugar, pois comparando com a minha vila, aqui é enorme. Uma cidade sem mar, com poucas árvores, sem pássaros e com pessoas frias. Aqui as crianças não podem brincar com a outra na rua porque é perigoso, totalmente diferente do nosso mundo.

Aí eu descobri que Teixeira de Freitas ficou assim, por causa de um monstro chamado “CAPITALISMO”, ele dominou o mundo e deixou todo mundo doente. Os principais sintomas dessa doença é o egoísmo, a ganância, a falta de respeito com a natureza e a falta de amor ao próximo. Infelizmente, os seres humanos ficaram doentes e estão destruindo tudo, estão derrubando árvores, secando os rios, matando os animais, poluindo o mar e tudo por dinheiro. A nossa casa Mãe Terra está MORRENDO!!

Apesar de toda essa situação estar ruim, essa doença não é incurável. Eu acredito que a cura do mundo é o amor. E sabe quem pode contribuir com a cura do mundo? As comunidades indígenas! Isso mesmo.

A nossa sociedade seria muito mais feliz e mais justa, se vivesse como uma aldeia, pois daria mais valor ao relacionamento entre as pessoas, saberiam viver em comunidade!

As pessoas podem aprender também com vocês, a conviver em harmonia com a Mãe Terra, dedicando-lhe respeito, amor e profundo zelo. Pois, a Terra para vocês não é só o lugar onde se vive. Ela é sagrada.

Awêry, Maine.



A Árvore da Cabaça

As crianças Tupiniquim
Adoram a árvore da cabaça
Brincam de Balançar a árvore para cair
as cabaças
E com as cabaças fazem lindos maracás
Quando vão brincar na árvore, brincam
cantando
O quebra, quebra esta cabaça
quero ver quebrar
O quebra lá
Que eu quebro cá
quero ver quebrar
Quebrar cabaça
não é o fim
Mesmo quebrada é resistência Tupiniquim
Quebrar cabaça não é o fim
Quebrar cabaça é resistência Tupiniquim
O quebra, quebra esta cabaça
Quero ver quebrar...

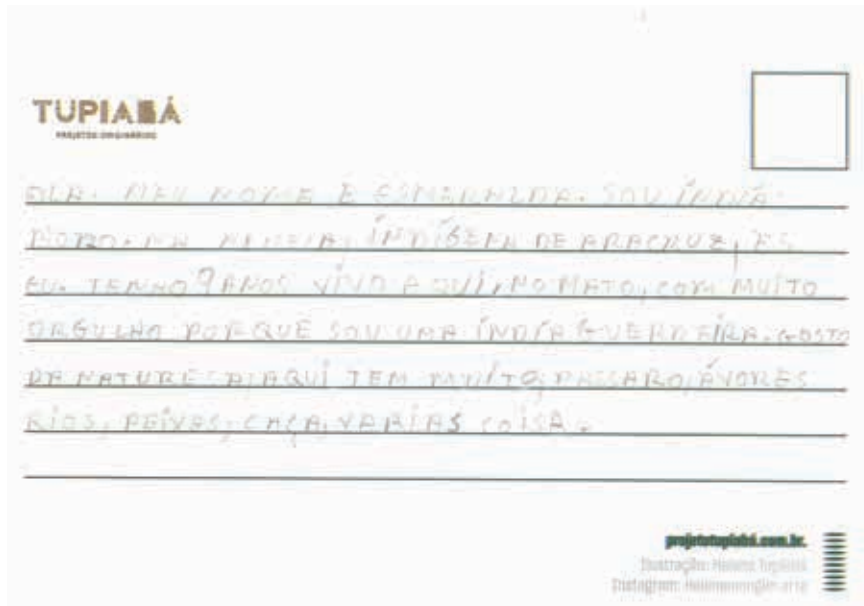
.....
Autoria: Marina Tupiabá/ Rosa Tupiniquim
Música de domínio popular reinventada pela
autora Indígena Rosa Tupiniquim

TUPIABÁ
PROJETOS ORIGINÁRIOS



projotupiaba.com.br
Ilustração: Helena Tupiabá
Instagram: Helenamongjm.arte





Olá. Meu nome é Esmeralda. Sou índia e moro na aldeia indígena de Aracruz, ES Eu. Tenho 9 anos vivo aqui, no mato, com muito orgulho porque sou uma índia guerreira. Gosto de natureza, aqui tem muito, pássaro, árvores, rios, peixes, caça, várias coisas

(Transcrito conforme original)



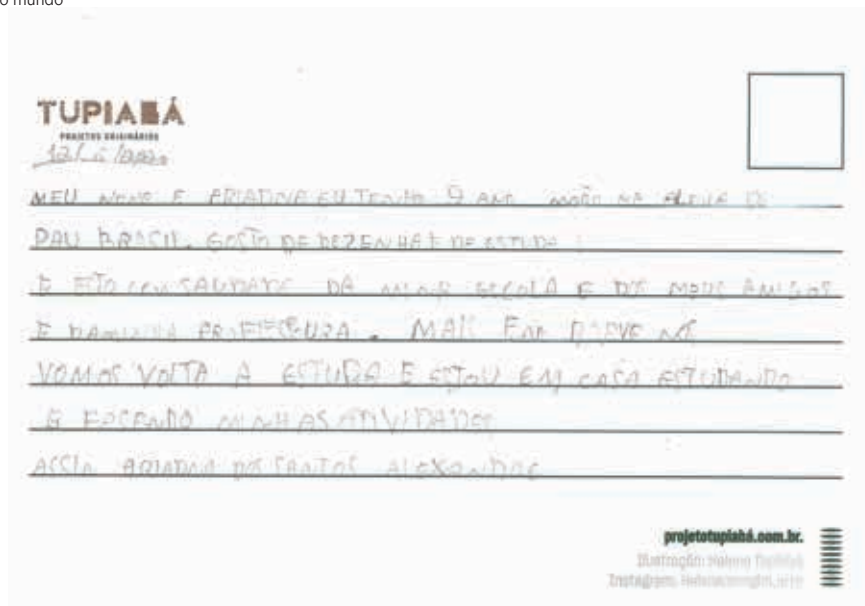


Meu nome é Ariadna e tenho 9 anos moro na aldeia de Pau Brasil. Gosto de desenhar e estudar.

E estou com saudade da minha escola e dos meus amigos e da minha professora. Mais em breve nos vamos voltar a estudar e estou em casa estudando e fazendo minhas atividades.

Assina Ariadna dos Santos Alexandre

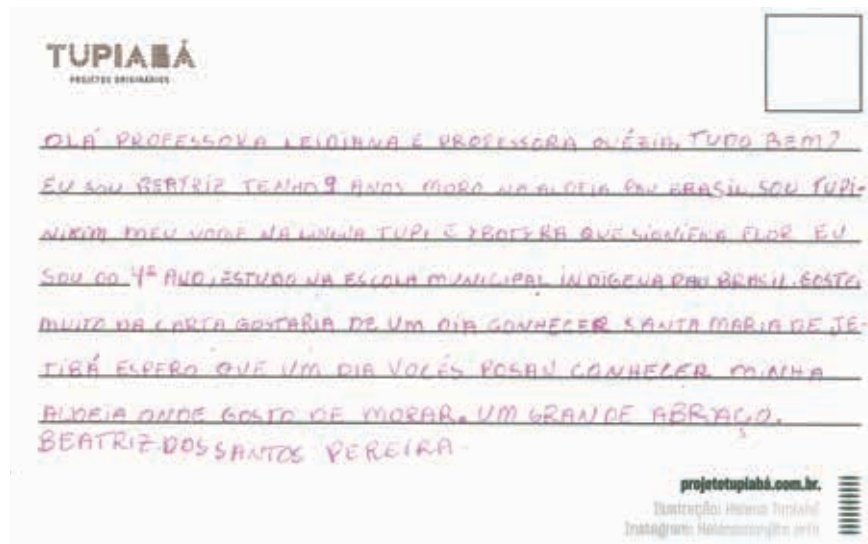
(Transcrito conforme original)



Olá professora Leidiana e professora Quézia, tudo bem? Eu sou Beatriz tenho 9 anos moro na aldeia Pau Brasil, sou tupiniquim meu nome na língua tupi Eybotyra que significa flor eu sou do 4º ano, estudo na escola municipal indígena Pau Brasil. Gostei muito da carta gostaria muito de conhecer um dia Santa Maria de Jetibá espero que um dia vocês posam conhecer minha aldeia onde gosto de morar. Um grande abraço.

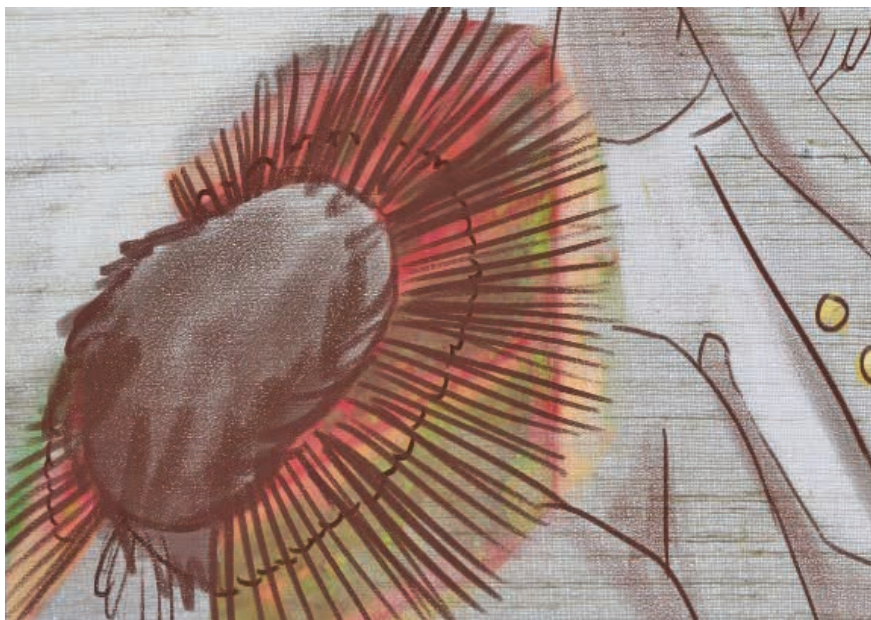
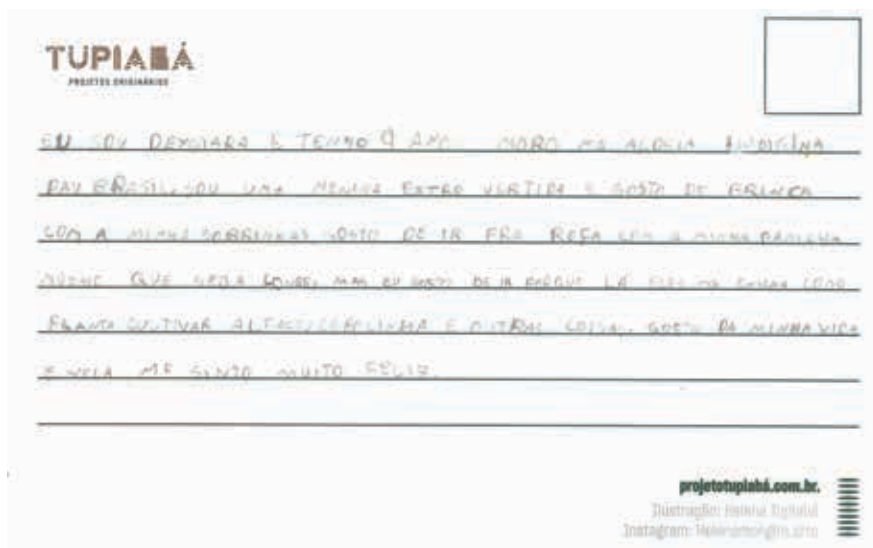
Beatriz dos Santos
Pereira

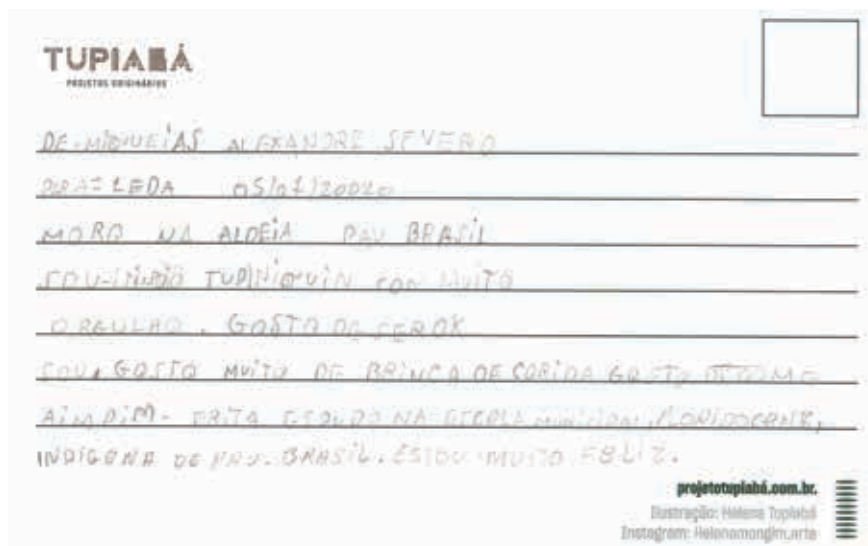
(Transcrito conforme
original)



Eu sou Deysiara e tenho 9 anos moro na aldeia indígena Pau Brasil. Sou uma menina extrovertida e gosto de brincar com a minha sobrinhas gosto de ir para a roça com a minha família mesmo que seja longe, mas eu gosto de ir porque lá eles me ensina como planta. Cultivar alface, cebolinha e outras coisas. Gosto da minha vida e nela me sinto muito feliz

(Transcrito conforme original)





De: Miqueias Alexandre Severo

Para: Leda
05/07/20020

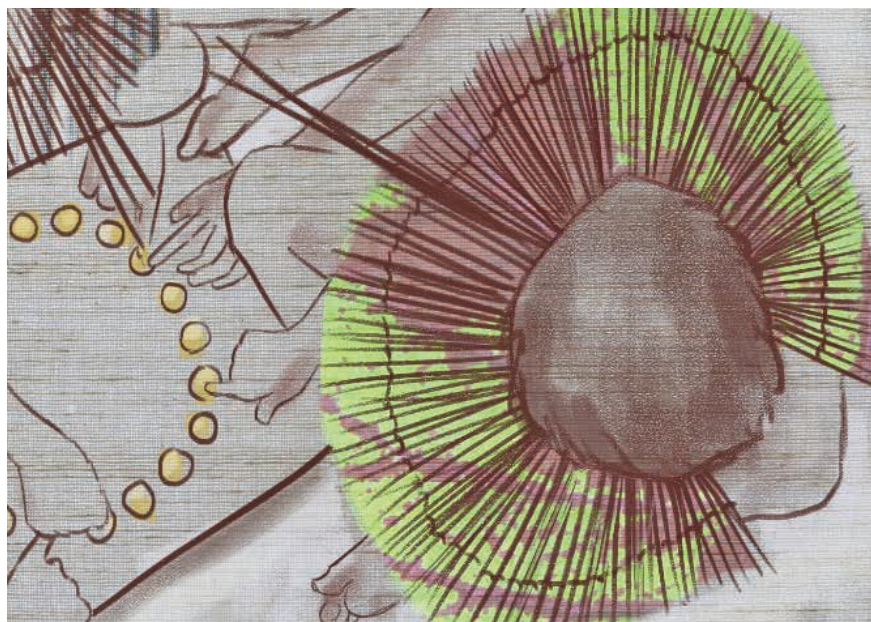
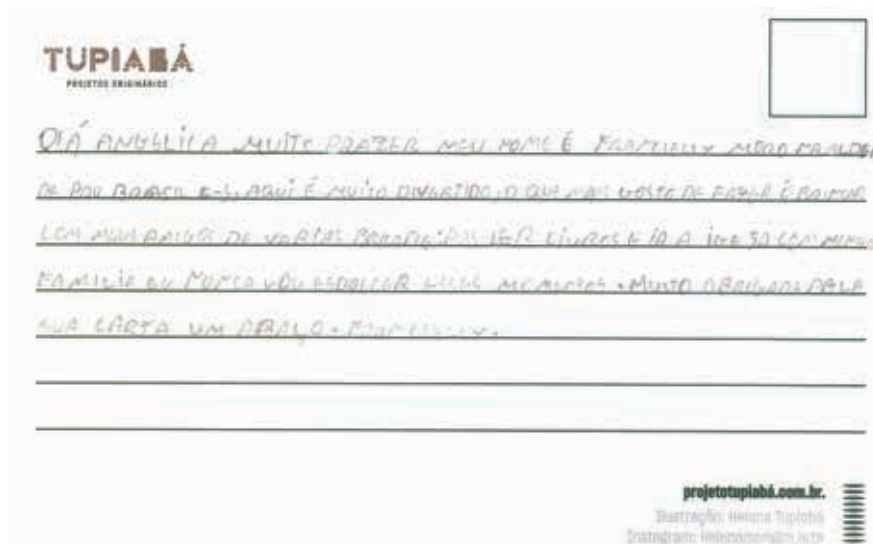
Moro na aldeia Pau Brasil sou índio tupiniquin com muito orgulho. Gosto de ser ok sou. Gosto muito de brinca de corrida gosto de come aimpim. Frita esdudo na escola municipal, ploridocente, indígena de Pau. Brasil. Estou muito feliz.

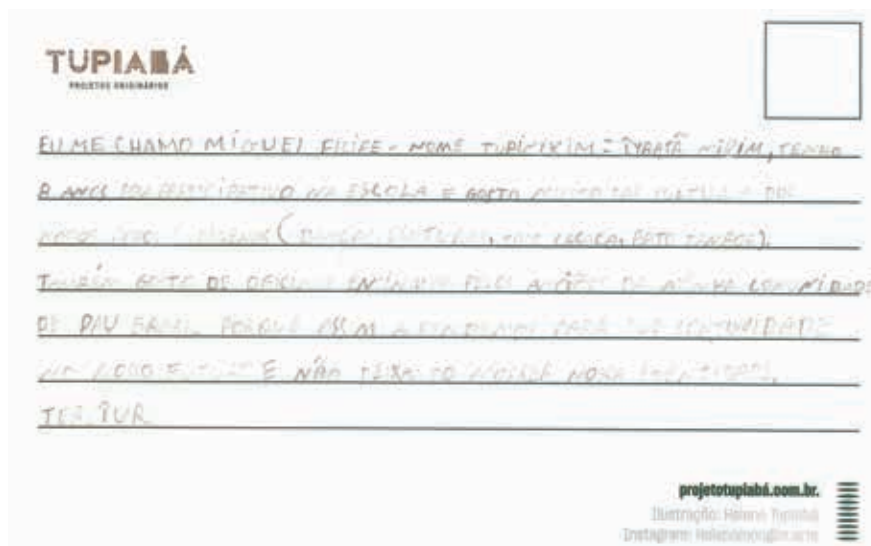
(Transcrito conforme original)



Olá Angelica muito prazer meu nome é Francielly moro na aldeia Pau Brasil E-S, aqui é muito divertido, o que mais gosto de fazer é brincar com meus amigos de varias brincadeiras, ler livros e ir a ige ja com minha familia eu nunca vou esquecer esses momentos. Muito obrigado pela sua carta um abraço. Francielly.

(Transcrito conforme original)





Eu me chamo Miguel Filipe – nome tupiniquim: Ybatã Mirim, tenho 8 anos sou participativo na escola e gosto muito das culturas dos nossos povos indígenas (danças, pinturas, toco casaca, bato tambor).

Também gosto de ofícios ensinadas pelos anciões da minha comunidade de Pau Brasil porque assim aprendemos para dar continuidade no nosso futuro e não deixando morrer nossa identidade.

Tereïur

(Transcrito conforme original)



Ola! Meu nome é Gleicikelly tenho 8 anos moro com os meus pais: Aldemir e Edcleia, tenho dois irmaos Ananias de 5 anos e o Bernardo de 9 meses moro na aldeia Pau Brasil sou india tupiniquin com muito orgulho. Gosto muito de canta, contar e inventar histórias. Amo minha familia, amo Jesus. Quando eu crescer vou ser pintora de artes. Enquanto eu sou criança vou brincar e me divertir.

(Transcrito conforme original)



Ola. Meu nome - Cleidymilla sou indignade com muito – orgulho – moro na aldeia indigneia de Aracruz ES. Pai Brazileu tenho 10 anos vivo aqui. Na adeia com meu. pais e dois irmãos sou muito feliz aprendi com minha avó ela ensina planta madiba gosto de pique esconde pique cola. E dezelna e a ajudu. Miminha mãe mas alividade de casa

(Transcrito conforme original)



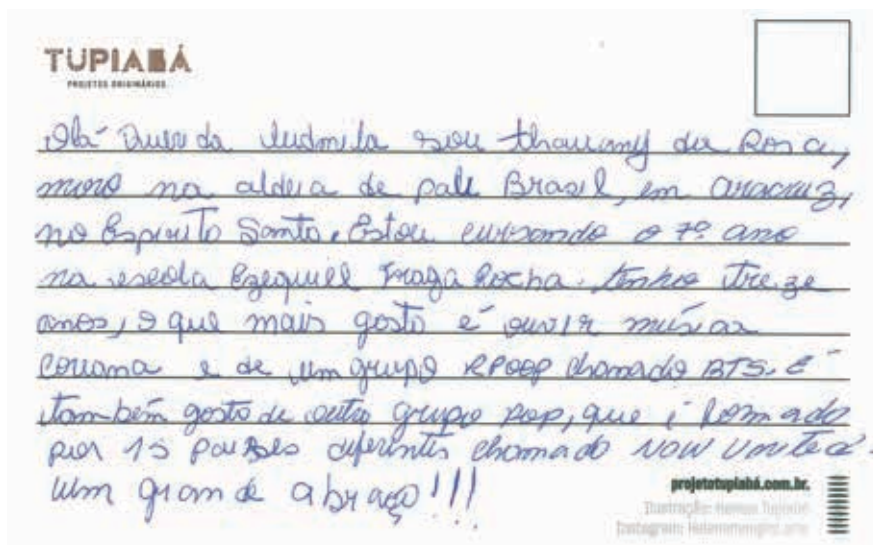
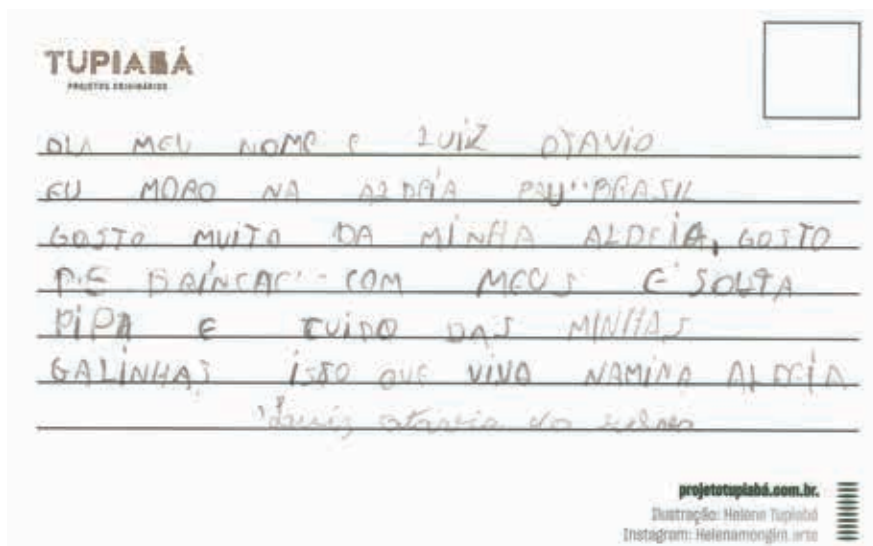
Ola meu nome e Luiz Otavio

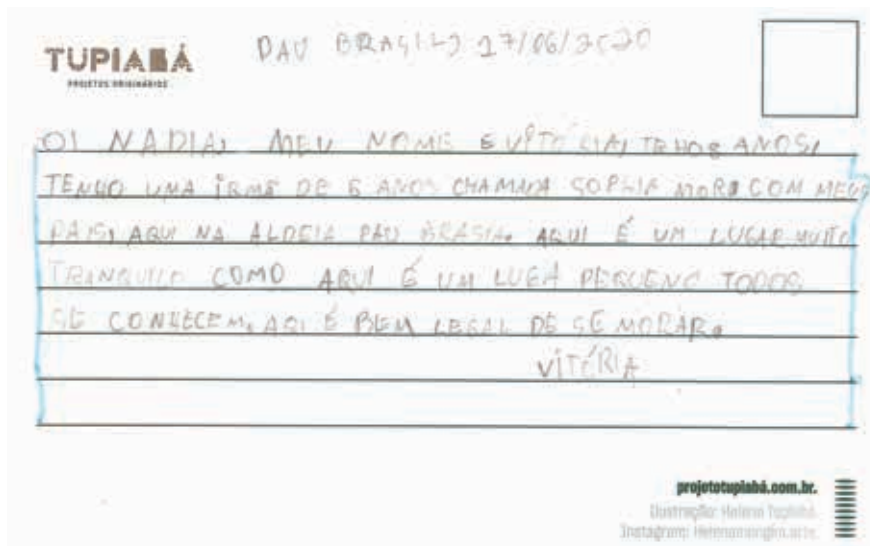
Eu moro na aldeia Pau Brasil

Gosto muito da minha aldeia, gosto de brincar com meus e solta pipa e cuido das minhas galinhas isso que vivo na minha aldeia.

Luiz Otavio da Silva

(Transcrito conforme original)

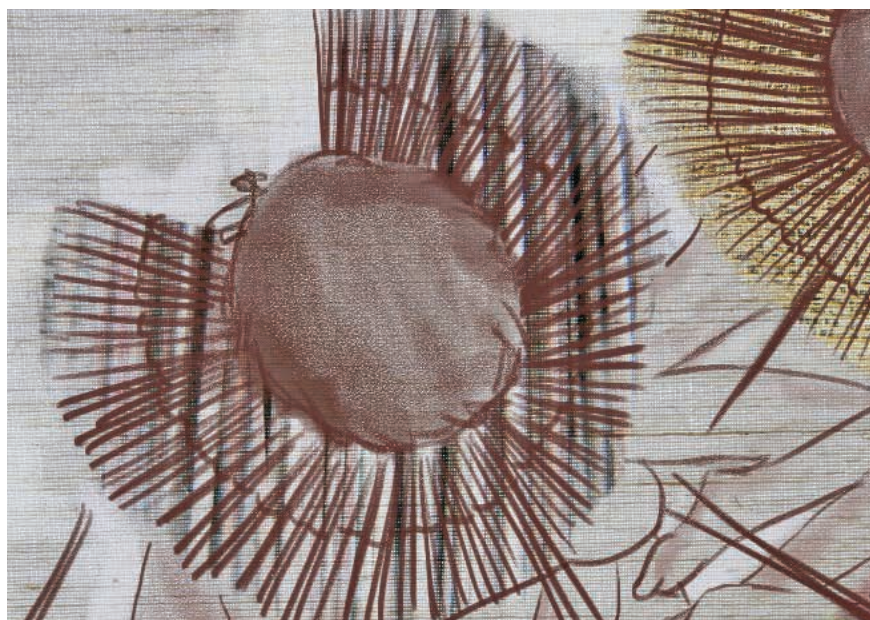


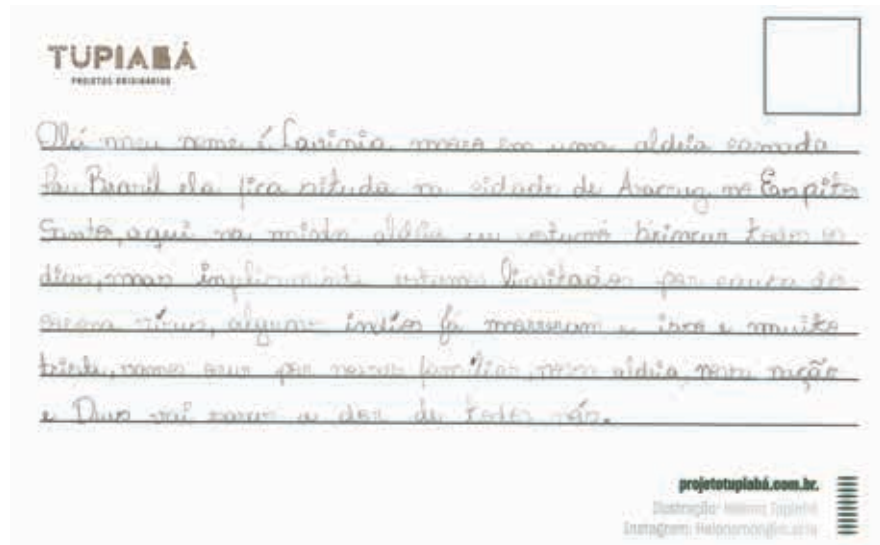


Oi Nadia, meu nome e Vitória, teho 8 anos, tenho uma irmã de 6 anos chamada Sophia moro com meus pais, aui na aldeia Pau Brasia. Aqui é um ligar muito tranquilo como aqui é um lugar pequeno todos se conhecem. Aqi é vem legal de se morar.

Vitória

(Transcrito conforme original)





Olá meu nome é Lavinia moro em uma aldeia chamada Pau Brasil ela fica situada na cidade de Aracruz no Espírito Santo, aqui na minha aldeia eu costumo brincar todos os dias, mas infelizmente estamos limitados por causa do corona vírus, alguns índios já morreram e isso é muito triste, vamos orar por nossas famílias, nossa aldeia, nossa nação e Deus vai sarar a dor de todos nós.

OLA TUDO BEM!!!

O MEU NOME É KETHELLY ANGEL RODRIGUES ELISIARIO TENHO 9 ANOS MORO NA ALDEIA IDIGENA DE COMBOIOS ESTOU CURSANDO O QUARTO ANO NA ESCOLA AMEFI "DORVELINA COUTINHO". ESTOU DESDE O MÊS DE MARÇO SEM IR PRA ESCOLA POR CAUSA DA COVID 19 QUE VEIO ATERRORIZANDO O MUNDO INTEIRO. EU NÃO POSSO MAIS SAIR DE CASA, POR QUE TEM QUE TER OS DEVIDOS CUIDADOS COMO: LAVA VEM AS MÃOS, USAR MACARA, USAR ALCÓOL EM GEL NÃO VISITAR PARENTES, NÃO IR EM FESTAS E OUTROS.

A MINHA ROTINA DIARIAMENTE É AJUDAR A MINHA MÃE NOS AFASERES DE CASA, FAZER ATIVIDADES ELABORADAS PEJA PROFESSORA, ASSITIR TELEVISÃO.

PESSO A DEUS QUE TUDO ISSO ACABA LOGO POIS NÃO VEJO A HORA DE TER A LIBERDADE DE IR E VIR, POIS SINTO FALTA DA ESCOLA DOS MEUS AMIGOS EMFIM DA MINHA LIBERDADE DE TER QUE SAIR SEM MEDO DESSA DOENÇA

FICO POR AQUI UM GRANDE ABRAÇO!

BEIJOS

KETHELLY

Ola tudo bem!!!

O meu nome é Kethelly Angel Rofrigues Elisiario tenho 9 anos moro na aldeia idigena de Comboios estou cursando o quarto ano na escola AMEFI "Dorvelina Coutinho". Estou desde o mês de marco sem ir pra escola por causa da Covid 19 que veio aterrorizando o mundo inteiro. Eu não posso mais sair de casa, por que tem que ter os devidos cuidados: lava vem as mãos, usar macara, usar álcool em gel não visitar parentes, não ir em festas e outros.

A minha rotina diariamente e ajudar minha mãe nos afaseres de casa, fazer atividades elaboradas pela professora, assitir televisão.

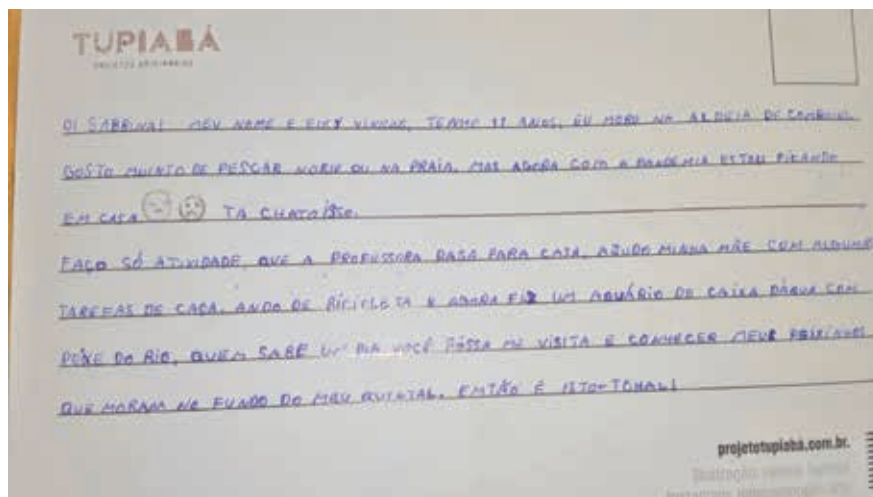
Pesso a Deus que tudo acaba logo pois não vejo a hora de ter a liberdade de ir e vir pois sinto falta da escola e dos meus amigos emfim da minha liberdade de ter que sair sem medo dessa doença.

Fico por aqui um grande abraço!

Beijos

Kethelly

(Transcrito conforme original)



Oi Sabrina! Meu nome é Eiky Vinicius, tenho 11 anos, eu moro na aldeia de Comboios.

Gosto muito de pescar norio ou na praia. Mas agora com a pandemia estou ficando em casa. Ta chato isso.

Faço só atividade que a professora passa para casa, ajudo minha mãe com algumas tarefas de casa, ando de bicicleta e agora fiz um aquário de caixa d'água com peixe do rio, quem sabe um dia você possa me visita e conhecer meus peixinhos que moram no fundo do meu quintal. Então é isto – Tchal!

(Transcrito conforme original)

TUPIABÁ

Pataxí Pataxó Āpaká txó Egnetopni- Aldeia Pataxó Pé do Monte, município de Porto Seguro, BA.

De: Jacian Braz Ferreira (Jacian Pataxó)

Para: Eliana Dalfior

!Akxây (Olá!) Eu sou Jacina Pataxó, tenho 10 anos e nasci aqui na aldeia mesmo. Então Eliana, agora estamos bem, graças ao grande pai Niamisũ- Tupã (Deus), mas há alguns dias atrás tínhamos em nossa pataxí (aldeia) 9 casos de covid- 19, onde nossas famílias ficaram todas assustadas com essa doença, mas com ajuda de todos e do grande criador, todos estão bem. Também tivemos apoios da medicina tradicional para ajudar.

Olha, para adiar o fim do mundo é preciso que todos os homens, seja índio e não-índios se unam e se organizam para cuidar da mãe natureza (Imamakã Tanara).

Um abraço de Jacian Pataxó



Fonte: acervo de pesquisa da prof. Marina R. Miranda / Aldeia Pataxó Pé do Monte-BA



TUPIABÁ
PROJETOS ORIGINÁRIOS



projetotupiaba.com.br
Ilustração: Helena Tupiá
Instagram: Helenamongim.art



Posfácio

Narrativas Tupiabá da aldeia Pau Brasil.

O Projeto Tupiabá é parte da nossa história e eu abracei este projeto de escrita de cartas com as crianças aqui na minha aldeia Pau Brasil. Como professora da língua Tupi, resolvi, junto com minhas turmas do 3º, 4º e 5º anos, construir um projeto coletivo com os pais, os quais acharam a proposta muito interessante, pois ajudava as crianças no desenvolvimento da escrita. A escrita de cartas foi um sucesso. Todas as crianças escreveram suas cartinhas e seus pais mandavam fotos, via celular, registrando esses momentos de escrita. Eles fizeram desenhos e cartinhas do jeito deles, na escrita deles. Para mim, foi muito importante como professora. Eu falei que no final esse trabalho teria uma devolutiva para a aldeia, não só para os alunos, mas para os pais, para a própria comunidade em si e para a escola de Pau Brasil. Esse projeto foi muito importante. Eu gostei muito de executar esse trabalho, pois nós estamos em uma pandemia, uma doença lamentável que atingiu também as nossas aldeias. Foi um sucesso esse projeto de escritas de cartas Tupiabá e, esta obra, é a nossa devolutiva para o mundo.

Janaína Ferreira - íakumã

Professora da aldeia Pau Brasil.

Eu fiquei muito feliz por meu filho ter participado do Projeto Tupiabá, pois além de ser um estímulo para a criança na leitura e no aprendizado pelo conteúdo e o material didático é também de suma importância a leitura e a motivação da leitura por ser educativo. Este projeto é bonito e agradeço a tia Jana pela oportunidade dada ao meu menino. Acho que além de divertido foi muito satisfatório pra mim ver meu filho participando de algo tão bom. Gostei muito. Parabéns a todos do projeto e obrigada.

Tais Nara, mãe do Enzo

Este projeto é muito importante porque retrata nas imagens do material didático a infância das crianças além de contar as histórias que as crianças gostam de ouvir e recontar. Foi muito bom, a gente se divertiu. Contando histórias, me lembrei da minha vida de criança.

Valdemir, pai de Gleicy Kelly

Achei ótimo o projeto. Muito bom ver o Luiz Otávio respondendo a cartinha. Ele também gostou muito do material. Ver a empolgação dele foi muito gratificante para mim.

Ângela, mãe do Luiz Otávio

Muito bom o projeto. Foi sem dúvida uma ótima ideia, Parabéns.

Rejane, mãe de Lavinia

Eu achei o projeto Tupiabá muito interessante. Ler com minha filha algumas lendas de antigamente que estão no material, lendas que até eu mesmo não conhecia. Poder ajudar minha filha a responder a cartinha foi um momento muito feliz por ver a empolgação dela para escrever. E que não parem por aí. Que venham mais (kkkk). É muito importante, tanto para eles, como para nós pais. E isso nos dá conhecimento sobre a nossa cultura indígena. Essas são minhas palavras de obrigado.

Edilane, mãe de Francielly

Jana foi muito bom, produtivo. Que venham mais projetos como este... O livro ele gostou muito, toda noite ele pedia pra mim e para o pai dele ler para ele.

Mãe de Miguel Lima



*Guardiões e Guardiãs da
Terra e do Céu*

Cartas originárias de crianças indígenas para o mundo



encontrografia

encontrografia.com

www.facebook.com/Encontrografia-Editora

www.instagram.com/encontrografiaeditora

www.twitter.com/encontrografia